

PERFIS

Histórias que inspiram o cuidado com a vida

Em homenagem ao Dia do Médico, o Jornal do Comércio traz profissionais que fazem a diferença na saúde dos gaúchos, contando a trajetória de dois médicos e as motivações que marcam o exercício da profissão.

Celebrado em 18 de outubro, o Dia do Médico é uma oportunidade de reconhecer o trabalho dos profissionais que dedicam suas trajetórias ao cuidado com a saúde e à vida. Em um cotidiano marcado por responsabilidades, decisões complexas e desafios constantes, a Medicina exige conhecimento,

atualização permanente, sensibilidade e compromisso com cada paciente.

Para homenagear esses profissionais, o Jornal do Comércio conta a história de dois médicos que representam, entre tantos outros que atuam no Rio Grande do Sul, diferentes experiências e motivações para

a escolha da carreira. São trajetórias que revelam os desafios da formação, as transformações da profissão e as razões que mantêm viva a dedicação à Medicina.

Mais do que apresentar perfis profissionais, as histórias mostram o lado humano de uma atividade que acompanha as

pessoas em momentos decisivos, da chegada de uma nova vida ao enfrentamento de doenças. Ao conhecer as experiências desses médicos, a proposta é valorizar não apenas o conhecimento técnico, mas também a escuta, o acolhimento e os vínculos que dão sentido ao exercício da profissão.

“Chegar onde a vida está em risco e encontrar uma forma de prestar socorro”

O caminho até o Hospital de Pronto Socorro de Canoas havia se transformado em rio. Em meio ao cenário de destruição provocado pela enchente de maio de 2024, o médico Felipe Vasconcelos, 46 anos, precisava chegar ao local, que estava alagado. Pacientes precisavam ser removidos e dependiam de equipamentos para respirar.

A experiência acumulada em mais de 20 anos de atendimento pré-hospitalar seria decisiva para o médico do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), de Guaíba, que conhecia a complexidade de transportar pacientes graves.

“Era necessário organizar equipes, garantir suporte respiratório e estabelecer um ponto de recepção para que os pacientes pudessem seguir até outros hospitais. Foi a experiência mais desafiadora da minha carreira”, diz Vasconcelos.

O que se seguiu foi uma operação de resgate com médicos, enfermeiros, bombeiros, voluntários e pessoas que colocaram seus barcos à disposição. A articulação entre as equipes foi essencial para que o resgate avançasse.

A atuação durante a enchente foi um dos capítulos de uma carreira construída entre emergências hospitalares, atendimento pré-hospitalar e gestão em saúde. Vasconcelos começou a trabalhar em 2005, fazendo plantões na emergência de Canela. Depois, recebeu uma proposta para atuar em serviço de saúde na região de Paim Filho.

Mais tarde, retornou à cidade natal, Soledade, e passou a fazer plantões também

em Carazinho. Foi ali que sua trajetória começou a se aproximar do atendimento pré-hospitalar. Com a implantação do Samu no município, integrou uma das primeiras equipes do serviço. O contato com a rotina das ambulâncias mudou sua trajetória. O médico passou a atuar em diferentes bases e gradualmente deixou os plantões hospitalares para se dedicar ao Samu.

Por 18 anos, Vasconcelos manteve uma rotina intensa de plantões. A carga de trabalho, no entanto, precisou ser revista após um grave problema de saúde. Decidiu reduzir o ritmo.

“Para quem trabalha na emergência, reconhecer os próprios limites também faz parte do cuidado”.

Paralelamente à assistência, Vasconcelos construiu uma trajetória institucional: em 2018, sua chapa foi eleita para o Cremers, onde coordenou as delegacias regionais e, posteriormente, ocupou o cargo de segundo-secretário da diretoria. Entre 2024 e início de 2025, exerceu função de gestão no Hospital Universitário de Canoas.

Em janeiro de 2025, assumiu a vice-presidência do Simers, conciliando as atividades da entidade com os plantões no SAMU. A experiência acumulada em diferentes serviços e municípios ajuda a explicar sua trajetória, mas é a imagem daquela travessia pela água que sintetiza o sentido do trabalho:

“Chegar onde a vida está em risco e encontrar uma forma de prestar socorro, mesmo quando o caminho até o paciente desaparece sob a enchente”.



Felipe Vasconcelos, vice-presidente do Simers, atua há mais de 20 anos em emergências



ARTUR KOCH/JC

A ginecologista e obstetra Márcia acompanha famílias em momentos marcantes

“Gosto da medicina que faz as pessoas felizes”, diz a ginecologista Márcia

A medicina está presente nos momentos mais felizes da vida e também nos mais difíceis. A ginecologista e obstetra Márcia Pires Barbosa, 55 anos, que atende em seu consultório na Capital e no Hospital Moinhos de Vento, optou pela primeira opção: estar onde a vida começa.

“Eu quero estar com os pacientes que vão felizes para o hospital, é isso que dá sentido à profissão”, diz a médica, que encontrou na obstetrícia uma forma de acompanhar a expectativa das famílias, a emoção do primeiro choro de um bebê e a construção de vínculos que, muitas vezes, atravessam gerações.

Na formação, percebeu que se identificava com o ambiente da obstetrícia, marcado pela expectativa e pela chegada de uma nova vida.

“Tem aquela expectativa da família inteira. Não são só pai e mãe, são os avós, os tios, os irmãos”, conta.

Em alguns casos, crianças pequenas acompanham as mães nas consultas e perguntam se aquele será o dia de conhecer o irmão. São cenas que ajudam a explicar por que, mesmo depois de décadas de profissão, a médica ainda se emociona com os nascimentos.

O momento do parto permanece como uma das experiências mais marcantes da rotina. “Aquele grito final... Não tem emoção maior do que isso. Até hoje, a gente enche os olhos de água”, relata.

A imprevisibilidade da obstetrícia também encanta a médica, pois, a qualquer momento, uma ligação pode interromper uma consulta,

um compromisso familiar ou uma viagem. Se os nascimentos são a face mais celebrada da obstetrícia, a relação com os pacientes também envolve medo, insegurança e sofrimento. A médica recorda que, no Dia do Médico do ano passado, recebeu mensagens de duas pacientes. Ambas disseram que ela estava presente no dia mais feliz de suas vidas, mas também em um dos mais tristes: as duas enfrentavam doenças agressivas e precisaram iniciar tratamentos difíceis. A coincidência ficou marcada pela força do vínculo construído ao longo do atendimento.

Com o passar dos anos, reencontrou pacientes que foram mães e, mais tarde, retornaram para consultas com os filhos já adultos. São relações que ajudam a construir uma memória compartilhada.

Formada em 1997 pela então Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre, hoje Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Márcia fez residência na Santa Casa da Capital.

A dedicação tem um custo que nem sempre aparece quando se fala da carreira médica. Ao longo dos anos, a obstetra deixou festas antes do fim, interrompeu comemorações e alterou planos de férias. Os filhos cresceram vendo de perto essa dinâmica. A resposta era encontrar alternativas para que as atividades não fossem interrompidas, mesmo quando ela não podia estar presente.

Essa relação entre profissão e família ganhou um significado especial com a escolha profissional dos filhos, que também ingressaram na faculdade de Medicina.